

Haddad alerta para perigo de hiper^{6 con - Brasil}

Geraldo Magela

Rio — O ex-ministro da Fazenda, Paulo Haddad, fez ontem um alerta contra o risco de a economia brasileira passar da inflação crônica para a hiperinflação. Segundo ele, o governo precisa agir rapidamente contra a aceleração dos preços registrada nas últimas semanas: precisa produzir taxas reais de juros para impedir que os ativos financeiros continuem migrando para a aquisição de bens.

“Quando a inflação está se acelerando é preciso que o governo adote um conjunto de medidas monetárias e fiscais que reverta as expectativas, mesmo que essas medidas não se constituam num programa de estabilização. No momento, o único caminho que temos é aumentar os juros, justamente o que o presidente Itamar Franco não gosta”, afirmou o ex-ministro, após fazer uma palestra a dirigentes empresariais. Ele lembrou que a hiperinflação acontece por duas vias: quando a inflação deixa de ser apenas de custo e passa a ser inflação de expectativa e quando as taxas de juros se mantêm negativas por três ou quatro meses seguidos.

Haddad também se mostrou preocupado com a insistência do governo em tentar fazer a economia crescer, antes que a estabilização

aconteça.

“Retomar crescimento com déficit público do jeito que está é pôr lenha na fogueira. É muito perigoso”, disse ele, acrescentando que este aumento de consumo localizado em alguns setores também é resultado de os investimentos no mercado estarem rendendo abaixo da inflação.

Para Haddad, o momento é tenso e delicado. Ele aposta na desmobilização patrimonial do governo como saída para ajuste a médio prazo. Particularmente na privatização do setor elétrico, desde que seja feita de acordo com algumas flexibilizações: que produza expressiva entrada de dinheiro, que faça associações com a iniciativa privada ou que estabeleça o sistema **golden-share** (permite que o governo tenha apenas uma ação, mas mantenha o poder de veto nas decisões da empresa).

Isso, diz ele, poderia representar, em um ano, retorno de US\$ 18 bilhões a US\$ 20 bilhões, que, de todo o jeito, não poderiam ser gastos em novos programas de desenvolvimento, mas sim na amortização da dívida interna de curto prazo do governo — no total, externa e internamente, a dívida chega a US\$ 220 bilhões.



Para Haddad, elevar juros é único caminho, rejeitado por Itamar